

# **Arte e comunicação no contexto urbano<sup>1</sup>**

## **Autor**

Priscila Arantes<sup>2</sup>

## **Universidade**

Docente do Centro Universitário SENAC

## **Resumo**

Uma das grandes discussões que permeiam o debate contemporâneo em torno da arte diz respeito à mescla entre arte e vida, entre a experimentação estética e o ambiente social e urbano. A arte sai do espaço confinado da galeria e do museu e vai de encontro ao espaço da cidade, fazendo com que a criação dialogue com o corpo social. Muitas destas práticas se tornaram comum a partir dos anos 70, quando inúmeros artistas interessados em romper com os pressupostos da arte tradicional buscaram levar às artes para as ruas, travando diálogos inquietantes entre o espaço da cidade e o da criação. Partindo deste pressuposto o presente artigo apresenta dois artistas que tomam a cidade como espaço de criação: o argelino Fred Forest e artista brasileira Rachel Rosalen .

## **Palavras-chave**

Arte; mídia; estética da comunicação; cultura urbana; comunicação

## **Corpo do trabalho**

Uma das grandes discussões que permeiam o debate contemporâneo em torno da arte diz respeito à mescla entre arte e vida, entre a experimentação estética e o ambiente social e urbano. A arte sai do espaço confinado da galeria e do museu e vai de encontro ao espaço da cidade, fazendo com que a criação dialogue com o corpo social. Muitas destas práticas se tornaram comum a partir dos anos 70, quando inúmeros artistas interessados em romper com os pressupostos da arte tradicional buscaram levar às artes para as ruas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Coordenação: Profa. Dra.Silvia Borelli.

<sup>2</sup> Priscila Arantes é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e coordenadora do Curso de Pós Graduação em Mídias Interativas do Centro Universitário SENAC. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa CNPq *Estética, Design e Comunicação*. É coordenadora do projeto *Estéticas Tecnológicas* no Centro Universitário SENAC, autora de *Arte @ Mídia: perspectivas da Estética Digital* (Ed.SENAC/FAPESP) , parecerista da CAPES e curadora independente.

travando diálogos inquietantes entre o espaço da cidade e o da criação. Partindo deste pressuposto o presente artigo apresenta dois artistas que tomam a cidade como espaço de criação: o argelino Fred Forest e artista brasileira Rachel Rosalen .

### **A Cidade como Espaço de Comunicação nas Obras de Fred Forest**

Nascido na década de 30 na Argélia, já em 1967 Forest, dois anos depois de Nam June Paik aparecer na cena artística com suas experimentações em vídeo, apresenta *La cabine telephonique*, um dos primeiros trabalhos de vídeo-arte desenvolvidos na França. Dois anos mais tarde realiza, incorporando circuito fechado de televisão, a vídeo-instalação *Interrogation*.

Suas ações geralmente incluem a apropriação de meios de comunicação tais como jornal, T.V., rádio, Internet para criar circuitos paralelos ao circuito midiático instituído. Provoca muitas vezes ruídos, cria estratégias que subvertem e colocam em evidência os jogos ocultos da mídia. Mas não somente. A utilização dos meios de comunicação para Forest não diz respeito apenas a uma estratégia de resistência em relação aos discursos ideológicos-midiáticos, mas antes aponta para o fato de que a nossa própria realidade se forja e se constrói a partir de redes, de vasos comunicantes que se estabelecem contextualmente.

A relação de Fred Forest com o Brasil, por outro lado, é particular. Desenvolve uma série de ações nos anos 70 e 80 em uma época em que experimentações com novos meios tais como vídeo, computador, xérox, serigrafias, começavam a despontar no país. Sua participação na *XII e XVI Bienal Internacional de São Paulo*, *Passeio sociológico ao Brooklyn* (1973), *Bienal do ano 2000* (1975), *Autópsia da Rua Augusta* (1973) e o *Branco Invade a Cidade* (1973) são algumas ações que marcaram a passagem do artista pelo Brasil.

Em 1973 participa, a convite de Vilém Flusser – com quem, aliás, desenvolve o vídeo *Lês gestes dans lês professions et la vie sociale* (1972) - da *XII Bienal Internacional de São Paulo*. Cumpre-se lembrar que esta Bienal, em plena época da ditadura militar *testemunhava uma febre de experiências derivadas do neoconcretismo e seus sucedâneos, interessadas em romper com a noção da obra estável, contemplada passivamente pelo espectador*.<sup>3</sup> A idéia era estimular o público fazendo com que ele pudesse interagir com os

---

<sup>3</sup> Catálogo da *Bienal 50 anos: 1951/2001*. Ed. Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, 2001. pág.164.

trabalhos propostos. O conjunto dessas obras, no geral instalações e ambientes, foi reunido no segmento *Arte e Comunicação* que contou, dentre outros, com projetos de Waldemar Cordeiro (1925-1973). Dentro deste segmento, Forest desenvolveu uma série de ações criando um circuito paralelo de livre expressão em uma época marcada pelo silêncio e pelos ditames ideológicos da cena política nacional. Uma de suas ações consistia em obter espaços em branco de jornais de grande circulação em São Paulo e Rio de Janeiro para o público desenhar ou escrever mensagens. Estes textos eram, posteriormente, incorporados na Bienal. Outra ação consistia em colocar telefones à disposição do público e amplificar o que era dito no local da exposição. O conjunto destas ações não somente revelavam uma tentativa de levar o público à Bienal mas, ao mesmo tempo, criar um circuito paralelo de expressão em uma época em que a liberdade de manifestação estava cerceada.

Para além de situar-se no espaço confinado do museu e da galeria, as ações de Forest, muitas vezes, se desenvolvem no espaço da realidade cotidiana, em circuitos paralelos, extramuros, postulando um questionamento de *territórios* estabelecidos e utilizando a cidade como protagonista da manifestação estética. De certa forma estas ações nos remetem ao programa político e estético dos *Situacionistas* que defendiam a união da dimensão estética com a experiência social e política. Dentro desta perspectiva vale lembrar de *O Branco invade a cidade* (1973). A ação consistia em sair pelo centro de São Paulo - do Largo do Arouche até a Praça da Sé - simulando uma passeata com umas 10 pessoas carregando cartazes em branco. Centenas de curiosos aderiram “à passeata” bloqueando o trânsito por várias horas. Forest foi preso pelo DOPS e a organização da Bienal e a embaixada da França tiveram que intervir a seu favor.

De maneira análoga, durante a VII JAC (Jovens Artistas Contemporâneos), em novembro de 1973, o artista organiza no MAC-USP o evento intitulado *Passeio Sociológico pelo Bairro do Brooklin. Acompanhado de estudantes transportando seus assentos individuais e dispondo de um equipamento da TV Cultura, ele registrou os encontros do grupo com populares na rua e em estabelecimentos, criando situações de “guerrila vídeo” e diálogos inesperados para um estado de restrições à liberdade de pensamento. O incomum episódio de arte/comunicação foi vigiado pela polícia.*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Zanini, Walter. *Primeiros tempos da Arte/Tecnologia no Brasil*. In Diana Domingues (org.). *A Arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

No Brasil esta prática, de transbordar o circuito institucional levando a arte para as ruas, não somente revelava uma ruptura com os territórios estabelecidos, em uma crítica evidente aos espaços confinados dos museus e galerias de arte, mas, concomitantemente, ganhava um contorno militante, de grito pela liberdade – seja ela estética ou política. No final dos anos 70 e início dos 80 grupos brasileiros realizaram trabalhos similares, tomando o contexto urbano como suporte de projetos artístico - midiáticos, como é o caso do grupo *3NÓS3* e *Viajou sem passaporte*.

Muitas vezes as operações de Forest resultam em uma crítica manifesta ao poder de manipulação da informação e ao contexto ideológico-midiático . Projetos tais como *La Conference de Babel* (1983) e *Fred Forest president de la T.V bulgare* (1991) são evidentes neste sentido. Mas não apenas. Muitas vezes trata-se de estimular o público a participar ativamente -e não passivamente- do circuito de informação. Este é o caso de *Bourse de L'imaginaire* (1982), um dos trabalhos mais audaciosos do artista. Realizado no *Centro Georges Pompidou* a idéia do projeto foi a de montar um contexto semelhante à de uma bolsa de valores, equipado com meios de informação (computador, vídeo, telefone, alto falantes). Em vez de pregões proporem a venda e a compra de ações, a Bolsa de Forest propunha cotações de fatos (imaginários ou reais) enviados e escritos pelo público.

Em *Avis de Recherche: Julia Margaret Cameron* (1988) a ação consistiu em colocar durante várias semanas em jornais e em outros meios de comunicação, tais como grafittis espalhados no espaço urbano, notícias sobre o desaparecimento de uma personagem fictícia. O público era convidado a escrever sobre a personagem ultrapassando a barreira entre o real e o imaginário.

Para além de criar um circuito coletivo de informação, ambos projetos instigavam a imaginação do público, colocando em cena o fato de que fazemos parte de uma sociedade comunicante. De certa forma, estes projetos nos remetem às experiências de Orson Wells tais como ao já histórico *Guerra nos Mundos* (1938) em que ele simulou uma invasão de marcianos no planeta Terra. Mas no caso das ações de Forest não se trata apenas de denunciar o potencial e o poder de transmissão dos meios de comunicação mas a de, concomitantemente, criar situações em que o público possa dar voz a suas próprias

simulações, a seus próprios circuitos imaginários utilizando, para isto, os meios de comunicação e o espaço da cidade.

### **A Cidade como Espaço Erotizado : a Poética de Rachel Rosalen**

Diz um mito grego, que no início dos tempos, a espécie humana era formada por três gêneros: o macho, a fêmea e o andrógino, um ser perfeito que partilhava das características dos dois primeiros. Dotados de uma terrível força e resistência e de uma forma inteira e globular com membros e órgãos duplicados, estes seres começaram a conspirar contra os deuses. A solução encontrada por Zeus foi o de dividi-los ao meio, retirando-lhes a sua antiga forma, o que levou cada metade, com saudades de sua totalidade perdida, não mais aspirasse do que fundir-se em um único ser. Tal como descrito no Banquete de Platão esta parece ser a origem mítica de Eros: este movimento de busca incessante que se associa à nostalgia de uma continuidade perdida; puro desejo de algo que falta e lhe escapa. “Esse ente, como qualquer outro que deseja, deseja o que não está à mão nem consigo, o que não tem, o que não é ele próprio e o de que é carente” diz Sócrates no Banquete.

É dentro desta perspectiva, desta busca incessante que se associa à uma nostalgia da totalidade perdida deste Outro que lhe escapa, que se desenha a narrativa poética dos trabalhos de Rachel Rosalen. Suas obras, que se manifestam na forma de vídeos, vídeo-instalações e de outros processos criativos, buscam explorar, através dos recursos de linguagem oferecidos pelos dispositivos midiáticos, a temática do corpo. Seu percurso criativo, desde os primeiros trabalhos no início dos anos 2000 até os mais recentes desenvolvidos quando de sua estadia no Japão, tais como *Diários Japoneses*, *Tokyo In*, *O'taku* e *Red Dreams* são marcados pela poética do corpo erotizado em sua mais plena totalidade. Através de imagens, formas ondulantes e fluídas, superposições, cortes rápidos e secos mesclados por recursos sonoros e textuais, constrói-se uma linguagem híbrida que coloca em jogo a temática do corpo: o corpo da falta, o corpo que busca esta nostalgia perdida, o corpo pulsante que transborda de desejo, que respira e que aspira, próximo ao limite da loucura, da paixão e do excesso, este Outro que lhe escapa.

É deste corpo que se fala em *Fluorescência*, em *no\_places* e em *I(M)MORTALITÁ*. Subversivos e inquietantes estes trabalhos cobcam em cena uma estética metropolitana

que desmaterializa o território urbano em ruínas pós-modernas. Aqui é a cidade, marcada por seus altos e imensos edifícios e monumentos arquitetônicos, que serve como receptáculo para o corpo erotizado. Aqui a cidade contemporânea se apresenta como um território fluído e mutante que dá vida a uma geografia instável colocando em cena corpos imagéticos que copulam em *out doors* publicitários.

Este corpo erotizado também está em *Roses, Tokyo In, Matsu, Rhasar, O'taku* e nos *Diários Japoneses*. Mas aqui o corpo da artista, da mulher-artista, entra em cena. Vestida algumas vezes com um tecido vermelho, mas muitas vezes despida de qualquer manto, seu corpo entra em cena com a sua própria nudez. Exilado do mundo e de si mesmo, este corpo “em estado de sítio”, este corpo estrangeiro, apresenta-se, nestes trabalhos, em sua mais íntima essência conduzindo-nos ao canto de uma aventura exótica que mistura a cultura oriental à ocidental. Entre a espada do sacrifício mortuário e a colher perfurada ao meio, que metaforiza aquilo que nos escapa, somos convidados a mergulhar em searas que revelam muitas vezes momentos de um profundo silêncio; o momento da plenitude erótica, o momento da morte, do gozo e da renovação.

Nos vídeos de Rachel Rosalen encontra-se a possibilidade de vivenciar as questões que dizem respeito às condições mais íntimas do sujeito na contemporaneidade. Para isto a artista cria estratégias poéticas que, muitas vezes, rompem com a linearidade narrativa nos oferecendo espaços múltiplos e fragmentários. Como uma espécie de recurso metodológico, Rosalen, muitas vezes, retoma dentro de um outro contexto uma mesma imagem colocando em cena o seu percurso criativo. Postula, assim, uma relação de continuidade de pensamento entre os seus diversos trabalhos. É desta forma que encontramos a imagem da colher perfurada ao meio, que retorna em *Red Dreams*, em *Tokyo In* e em *O'taku*; é desta forma que encontramos as imagens dos corpos que copulam em *Fluorescência* e em *I(M)MORTALITÁ*. Muitas vezes agressivos e inquietantes e acompanhados pelo ritmo frenético e enlouquecido do mundo contemporâneo e outras vezes de uma suavidade estonteante que evoca um profundo silêncio, constrói-se a poética criativa de Rachel Rosalen .

Na *A Paris do Segundo Império em Baudelaire* Walter Benjamin destaca a figura do flâneur como imagem alegórica por excelência da cidade moderna. Detentor de todas as significações urbanas, do saber integral sobre a cidade, do seu presente e passado, de seus segredos e mistérios, reconhecendo-a em sua verdadeira essência e percorrendo os seus poros e veias mais profundos, o flâneur assume a condição de viajante da metrópole moderna. De todas as figuras pelas quais o flâneur se depara nas vielas e galerias por onde passa, parecem ser as prostitutas que lhe despertam um interesse especial. São elas que conseguem, ao vender o seu próprio corpo, exprimir a natureza mais ambígua e íntima da modernidade. Sujeito e objeto ao mesmo tempo, corpo-mercadoria por excelência a prostituta é, para o flâneur, a mercadoria mais excitante: expressão mais plena da mercantilização do corpo erotizado; síntese mais explícita do sistema capitalista e da degradação da metrópole moderna.

Na figura da mulher-prostituta a cidade vê o seu próprio rosto. A metrópole moderna é o corpo erotizado, pura mercadoria que se vende às perversões do sistema capitalista. Ao mesmo tempo, a prostituta, por ser mulher é, também, promessa de uma relação mais harmônica com a Natureza. De algum modo, ela representa, a imagem, ainda que degradada, da figura materna, daquela que dá a luz, daquela que permite a renovação.

Nos vídeos de Rachel Rosalen podemos entrever esses significados em muitos momentos, principalmente em *Fluorescência*, I(M)MORTALITÁ e em *no\_places* que abordam conteúdos erotizados utilizando como pano de fundo a metrópole contemporânea. Nestes vídeos a cidade é tomada como um corpo erotizado. Receptáculo dos jogos perversos da sociedade capitalista contemporânea, a cidade, nestes trabalhos, se apresenta como uma prostituta que vende seu próprio corpo, revelando as ruínas e a decadência do mundo na contemporaneidade.

As projeções eróticas em *out doors* publicitários é a expressão mais explícita da cidade-prostituta, da cidade que se vende às mazelas do mundo capitalista. Ao mesmo tempo estas cenas, projetadas em escala avassaladora no espaço da cidade, provocam uma “luminescência”, ou como diria Benjamin, uma espécie de iluminação profana: são gestos de pura subversão que nos levam a entrever a natureza mais íntima da cidade contemporânea.

Em I(M)MORTALITÁ as cidades de São Paulo e Roma criam um diálogo através de ruínas fantasmagóricas, espectros que exprimem a marca da passagem do tempo incrivelmente rápido na contemporaneidade. Mas não é isso a essência das cidades? Não é ela habitada pela vitalidade do declínio e da degradação, pelo cheiro da morte, pelo resto? Nesta acepção a ruína é a recapitulação do desastre, dos desencontros, das opressões que regem as cidades metropolitanas. Mas se na ruína a cidade revela o seu espectro e sua natureza fantasmagórica, é também nela que a metrópole se apresenta como esperança e como possibilidade de uma cidade-corpo que ainda esta por vir.

É desta esperança, ou melhor, desta espera, que *A Glass of Air* parece nos conduzir. Neste trabalho, dois corpos de mulher entrelaçados em uma dança erótica, são atravessados e perfurados pelas imagens de *Fluorescência* e I(M)MORTALITÁ. Projetadas sobre a pele dos corpos femininos, as imagens erotizadas colocam o corpo faltante e desejoso, o corpo que espera enlouquecidamente o momento da fusão com aquele Outro que lhe escapa, de encontro ao corpo da mulher.

### **Referências bibliográficas**

ARANTES, Priscila. Arte e mídia: perspectivas da estética digital. Ed.Senac/FAPESP, 2005.

BENJAMIN, Walter; Sérgio Paulo Rouanet (trad.). "Magia e Técnica, Arte e Política", in: Obras escolhidas, Vol.1, 6ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1993.

COUCHOT, Edmond. A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

DUGUET, Anne Marie. "Does interactivity lead to new definitions in art?", in: SCHWARZ, Hans e SHAW, Jeffrey (eds.). Media Art Perspectives, Karlsruhe, ZKM/Cantz Verlag, 1995, pp.146-150.

GIANNETTI, Cláudia. Estética Digital: sintopía del arte, la ciencia y la tecnología, Barcelona, Asociación de Cultura Contemporània L'Angelot, 2002.

VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós moderna, São Paulo, Martins Fontes, 1996.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico e as perspectivas do tempo real. São Paulo, Editora 34, 1999.

ZANINI, Walter. "Primeiros tempos da arte/tecnologia no Brasil" in: DOMINGUES, Diana. (org.). A arte no século XXI: a humanização das tecnologia,. São Paulo, UNESP, 1997.



